
Escolha do cônjuge e locais de encontro

Rodrigo Rosa

Introdução

A proximidade socioprofissional é um factor decisivo na escolha do cônjuge, revelam-no os resultados de um inquérito lançado em 1999 a mulheres casadas¹ e com filhos.² A tendência para a homogamia socioprofissional caracteriza todos os meios sociais, mas acentua-se quer junto das mulheres com as profissões mais qualificadas, quer entre as camponesas. Por outro lado, nalguns segmentos da classe média - como as profissões técnicas e de enquadramento e as empregadas executantes - bem como na fracção menos qualificada do operariado industrial, verifica-se a inclinação feminina para casar com um parceiro que ocupa uma posição socioprofissional mais favorecida. Contudo, a hipergamia³ observa-se exclusivamente entre posições socioprofissionais vizinhas, confirmando que a distância social não favorece a escolha do cônjuge. Ao contrário da homogamia socioprofissional e da hipergamia, que indiciam resultados de processos de escolha do cônjuge, os locais de encontro constituem um indicador dos contextos em que a experiência do encontro tem lugar, sendo por isso uma aproximação bastante elucidativa dos modos diferenciados em que a escolha do cônjuge se processa. O objectivo desta comunicação é demonstrar que, se a escolha do cônjuge vem consolidar as diferenciações sociais e de género, como claramente revelam a homogamia e a hipergamia, os contextos da interacção social são uma peça decisiva no processo de escolha.

O papel do casamento na diferenciação

Nas últimas décadas assistimos a mudanças não só ao nível dos comportamentos em diversas dimensões da vida familiar (queda acentuada da fecundidade, decréscimo da nupcialidade, crescimento do divórcio), mas também no plano da estrutura social portuguesa, cada vez mais afastada do cenário do início dos anos 60, quando quase metade da população activa trabalhava no sector primário e pouco mais de um décimo da população feminina era profissionalmente activa (Almeida, Guerreiro, Lobo, Torres, Wall, 1998). Este cenário de recomposição e alteração dos comportamentos perante a família levou a questionar o papel da escolha do cônjuge na diferenciação social. Perante estas transformações, até que ponto a escolha do cônjuge é condicionada por constrangimentos de ordem social? Mais especificamente, em que

¹ Na verdade, nem todas as inquiridas são *casadas* com o seu cônjuge. Porém, se esta é a condição da esmagadora maioria (96%), o enviesamento que advém do recurso à terminologia de “casamento”, que optámos por utilizar por facilidades de escrita e leitura, não será assim de remonta.

² O inquérito *Famílias no Portugal Contemporânea* é representativo, ao nível do continente, das mulheres a viver em conjugalidade com filhos dependentes, mais precisamente, das mulheres com idades compreendidas entre os 25 e os 49 anos, casadas ou a viver em união de facto, com filhos de idades não inferiores a 6 anos e não superiores a 16 anos. Trata-se de um projecto levado a cabo no quadro do ICS (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa) e do CIES/ISCTE (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, CRL), coordenado por Karin Wall e constituído pela seguinte equipa de investigadores: Ana Nunes de Almeida, Isabel André, Maria das Dores Guerreiro, Piedade Lalanda, Sofia Aboim, Vanessa Cunha, Rodrigo Rosa e Pedro Vasconcelos.

³ As uniões hipergâmicas referem-se aos casos em que a posição socioprofissional ocupada pela mulher no início da vida conjugal é menos favorecida ou, simplesmente, menos qualificada do que a posição socioprofissional ocupada pelo homem.

medida a posição socioprofissional é um critério decisivo na escolha do cônjuge? Haverá, entre as mulheres inquiridas, uma tendência estatisticamente significativa para a homogamia socioprofissional? Por outro lado, não se inclinarão também as mulheres para casar com um homem que ocupa uma posição socioprofissional mais qualificada ou favorecida?

Que as posições ocupadas pelas inquiridas e pelos parceiros na estrutura socioprofissional no início da vida conjugal foram decisivas na escolha do cônjuge revela-o desde logo a elevada correlação ($r=,70$) observada entre as duas variáveis (quadro 1). Mais precisamente, a tendência global foi para casar com um homem que ocupa o mesmo lugar na estrutura socioprofissional. Com efeito, os resíduos⁴ (quadro 1) referentes às uniões conjugais entre parceiros com a mesma posição socioprofissional são, todos eles, superiores a +1,96, o que não significa, porém, que a homogamia não tenda a acentuar-se quando a mulher ocupa determinadas posições. É o caso das mulheres no grupo mais qualificado⁵ - as empresárias e dirigentes/profissionais intelectuais e científicas - que assume o valor residual mais elevado (20,9) ou das camponesas, cujo valor residual correspondente se destaca claramente dos restantes (14,4). No caso das mulheres com profissões mais qualificadas, a forte homogamia sugere uma “afinidade espontânea” que se alimenta da semelhança de recursos educacionais (diplomas escolares, qualificações profissionais, etc.).⁶ Já no caso das camponesas, mesmo que estejamos globalmente perante situações pouco privilegiadas de uma agricultura de autoconsumo, a acentuada homogamia é sugestiva da importância da posse de terra e, assim, dos meios de subsistência na escolha destas mulheres. Mas apesar da acentuada homogamia das camponesas, as zonas rurais têm vindo a ser progressivamente abandonadas, em virtude de processos migratórios em que são geralmente os homens a tomar a dianteira (Almeida, 1985), ou então surpreendidas pela industrialização (Lourenço, 1991). Se uma insuficiente presença de camponeses pode estar na origem do casamento de camponesas com operários agrícolas, já a tendência destas para casar com operários não qualificados da indústria (2,4) - inclinação de resto observada entre as operárias agrícolas (3,5) - indicia claramente a pluriactividade como resposta e forma de adaptação das famílias à mudança em contextos rurais.

Pelo contrário, é no segmento menos qualificado do sector terciário - entre as empregadas não qualificadas - que vamos encontrar uma inclinação mais atenuada (3,2) para casar com um homem que ocupa a mesma posição socioprofissional. As empregadas executantes são, na verdade, as únicas cuja tendência para casar fora do seu grupo socioprofissional supera a tendência para a homogamia socioprofissional. Mas o facto de as empregadas não qualificadas se inclinarem sobretudo para casar

⁴ A opção pelo método estatístico que é a análise dos resíduos ajustados na forma estandardizada deve-se sobretudo à natureza específica das variáveis, na medida em que a escolha homogâmica, em determinados grupos socioprofissionais, é à partida limitada ao volume de potenciais parceiros pertencentes ao mesmo grupo. Por exemplo, se as mulheres estão mais presentes no grupo das empregadas não qualificadas do que os homens (quadro n.º 1), coloca-se a questão de saber se elas não casariam mais com empregados se estes fossem em igual ou maior número. Calculados no SPSS, os valores residuais são, por um lado, o resultado da diferença entre os casamentos *observados* e os casamentos *esperados* em cada célula, resultado que, à partida, corrige a discrepância entre as margens, ou seja, a discrepância entre mulheres e homens na mesma categoria socioprofissional, sendo que esse resultado é apenas numerador do resíduo, “enquanto que o denominador é uma estimativa do seu erro amostral” (Pestana e Gageiro, 2003: 140). Uma versão mais detalhada desta análise poderá ser consultada no capítulo “Escolha do cônjuge no Portugal contemporâneo” do livro *Famílias no Portugal Contemporâneo* (no prelo), sob a coordenação de Karin Wall.

⁵ O reduzido número de inquiridas (3) que pertenciam ao grupo dos empresários e dirigentes explica a agregação deste grupo ao das profissões intelectuais e científicas. Deste modo, quando nos referimos ao grupo ED/PIC, é, por razões óbvias, constituído predominantemente por mulheres com profissões muito qualificadas.

⁶ Como diria P. Bourdieu, “a afinidade espontânea (vivida como simpatia) constitui a melhor garantia da homogamia, na medida em que aproxima agentes dotados de habitus ou gostos semelhantes, que são consequentemente o produto de condições e condicionamentos semelhantes.” (1987: 88).

com operários industriais não qualificados não é propriamente sinónimo de *heterogamia social*, dada a proximidade das posições no que toca ao montante de recursos. Esta tendência é antes reveladora do “duplo” papel do casamento na diferenciação social e de género (Singly, 1987), ou não encontrassem estas empregadas o seu homólogo social no segmento menos qualificado da indústria. De resto, na génese das diferentes presenças feminina e masculina nestas duas categorias encontra-se todo um processo de divisão social do trabalho enraizada na diferença sexual⁷: o facto de encontrarmos mais mulheres empregadas nos serviços será menos indicador de uma originalidade feminina do que da transposição para o mercado de trabalho de funções tradicionalmente desempenhadas pela mulher doméstica.⁸

Quadro 1
Posição socioprofissional do homem segundo a posição socioprofissional da mulher no início da vida conjugal (Resíduos ajustados na forma estandardizada)

| | Homem | | | | | | | | | | Total | |
|------------------|-------------|------------|------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------------|-------|-----|
| | ED/PIC | PTEI | IPP | C | EE | ENQ | OIQ | OINQ | OA | Outras situações | % | N |
| ED/PIC | 20,9 | 3,7 | -0,5 | -1,4 | 0,5 | -1,6 | -4,9 | -6,7 | -2,5 | -0,2 | 7,0 | 125 |
| PTEI | 6,3 | 8,1 | -1,5 | -1,2 | 1,7 | -1,0 | -1,7 | -4,0 | -1,6 | -1,6 | 2,9 | 51 |
| IPP | -1,3 | 0,3 | 8,6 | -1,2 | -1,0 | 1,1 | -0,1 | -2,1 | -0,9 | -1,6 | 2,9 | 52 |
| C | -2,4 | -2,1 | -0,5 | 14,4 | -3,3 | -0,4 | -3,0 | 2,4 | 3,9 | -1,9 | 4,7 | 83 |
| EE | -2,2 | 5,0 | 0,8 | -2,2 | 10,4 | 0,1 | 0,4 | -6,3 | -3,1 | -4,1 | 18,2 | 323 |
| ENQ | -2,7 | -1,5 | -1,7 | -1,4 | 1,0 | 3,2 | 0,2 | 3,6 | -0,4 | -2,7 | 7,3 | 130 |
| OIQ | -2,6 | -1,7 | -0,7 | -1,9 | -3,3 | -0,1 | 7,4 | 1,0 | -1,6 | -1,5 | 6,8 | 120 |
| OINQ | -4,4 | -2,6 | -1,9 | -1,5 | -1,5 | 0,3 | 3,5 | 5,8 | -1,0 | -3,3 | 13,7 | 243 |
| OA | -2,4 | -2,1 | -0,9 | -0,2 | -2,7 | 0,4 | -1,8 | 3,5 | 8,9 | -1,4 | 4,6 | 82 |
| Domésticas | -3,6 | -2,8 | 1,7 | 1,8 | -2,3 | -0,1 | 0,4 | 4,4 | 2,8 | -3,9 | 19,2 | 341 |
| Outras situações | -0,1 | -1,7 | -1,4 | -2,2 | -2,9 | -1,6 | -2,7 | -3,0 | -2,1 | 19,9 | 12,7 | 226 |
| Total (n = 1776) | 6,4 | 5,0 | 7,5 | 2,7 | 16,9 | 1,8 | 21,5 | 26,0 | 4,5 | 7,7 | 100,0 | |
| | 113 | 89 | 134 | 48 | 300 | 32 | 381 | 462 | 80 | 137 | | |

$\chi^2 = 1709,23$; $DF=90$; $p<,000$ ($cf=,70$)

ED – Empresários e Dirigentes; PIC – Profissões intelectuais e Científicas; PTEI – Profissões Técnicas e de Enquadramento Intermédio; IPP – Independentes e Pequenos Patrões do secundário e terciário (com menos de 5 pessoas a cargo); C – Camponeses; EE – Empregados Executantes; ENQ - Empregados Não Qualificados; OIQ – Operários Industriais Qualificados; OINQ – Operários Industriais Não Qualificados; OA – Operários Agrícolas

⁷ A opção pela construção de um indicador socioprofissional inspirada na tipologia classificatória proposta por alguns estudos realizados no âmbito da sociologia das classes sociais (Costa, Mauritti, Martins, Machado, Almeida, 2000) passa, entre outras razões, pela intenção de confirmar a existência deste fenómeno – o casamento entre homens operários e empregadas dos serviços – entre os casais da amostra. Na realidade, a simples distinção entre estas duas categorias assalariadas, pertencentes a diferentes sectores, seria impossível se nos inspirássemos noutras propostas, como as de E. O. Wright (1997). A desigual presença dos géneros nestas duas categorias socioprofissionais ficaria esquecida se resumíssemos operários e empregadas executantes à condição de “proletários”, como é suposto na tipologia avançada por Wright.

⁸ A maior presença de mulheres no sector terciário deve-se igualmente à simultaneidade da sua entrada maciça no mercado de trabalho e da expansão desse sector. Como nos recorda A. Torres, “o crescimento do sector dos serviços, ou a procura de mão-de-obra precária, criam oportunidades mais facilmente adequadas à situação de discriminação das mulheres, gerando grandes círculos viciosos (2001: 102).

A identificação das diferenças de género que a união conjugal atesta não se confina, todavia, a estes casos. A inclinação das mulheres domésticas para casar com operários agrícolas (2,8) ou com operários industriais não qualificados (4,4) sugere igualmente o duplo papel do casamento, já que este permite aqui uma reprodução da desigualdade social – a origem social das mulheres domésticas é predominantemente desfavorecida – que surge articulada à desigualdade assente na diferença sexual, flagrante numa acentuada diferenciação de papéis de género na divisão do trabalho.

Por último, resta referir que à tendência global para casar com um parceiro pertencente ao mesmo grupo socioprofissional acresce outro padrão revelador da função do casamento na diferenciação social e sexual. Trata-se das diversas tendências hipergâmicas que, pese embora confirmem a importância da proximidade socioprofissional por se observarem exclusivamente entre posições socioprofissionais vizinhas, não deixam de ser o produto de assimetrias entre os géneros, denunciando uma inclinação feminina para casar com alguém numa posição mais favorecida ou qualificada. É precisamente o caso dos casamentos de mulheres que exercem profissões técnicas e de enquadramento com homens do grupo dos empresários e dirigentes/profissões intelectuais e científicas (6,3), das uniões entre empregadas executantes e profissionais técnicos (5,0) ou ainda dos casamentos de mulheres que ocupam as posições menos qualificadas da indústria (OINQ) com operários industriais qualificados (3,5). Em suma, o casamento permite que, também aqui, se consolidem duas formas de desigualdade frequentemente articuladas.

Os locais e as circunstâncias do encontro

A verificação de um duplo padrão – homogamia e hipergamia – não elucidada, contudo, sobre a diversidade dos processos de que se reveste a escolha. Numa tentativa de colmatar esta limitação, o levantamento dos locais de encontro visa esclarecer a importância dos contextos de interacção na escolha do cônjuge. Os locais de encontro indiciam as circunstâncias em que os parceiros se conheceram e porventura deram início ao namoro, proporcionando uma visão aproximada dos modos diferenciados em que a escolha do cônjuge se processa. Os resultados do nosso inquérito não se distanciam muito dos observados em França. Um levantamento dos locais e das situações de encontro na década de 80 permitiu a Bozon e Héran (1987, 1988) observar, face aos resultados da pesquisa de Girard (1981/1964), uma forte diversificação das circunstâncias do encontro numa França já bem menos rural. Não obstante, o baile (16%) permanecia o contexto mais frequente para conhecer um parceiro, logo seguido dos locais públicos (13%) e do local de trabalho (12%). Já nas situações de encontro observadas na nossa amostra (quadro 2), entre a diversidade de locais têm primazia o bairro e a aldeia (15,9%), seguidos do baile (12,0%), do local de trabalho (12,0%) e dos locais públicos (10,8%).

Quadro n.º 2 - Locais e situações de encontro (%)

| | | | |
|------------------------------------|---|------|-------|
| Liceu ou faculdade | | | 8,0 |
| Contextos de lazer | Local de férias | 3,5 | 6,9 |
| | Bar ou discoteca | 2,8 | |
| | Cinema, teatro, concerto | 0,6 | |
| Redes amicais | Festa entre amigos | 9,2 | 14,5 |
| | Casa de amigos | 5,3 | |
| Local de trabalho | | | 12,0 |
| Local público | | | 10,8 |
| Sociabilidades locais | Bairro ou aldeia | 15,9 | 30,5 |
| | Baile | 12,0 | |
| | Associação recreativa, desportiva ou cultural | 2,6 | |
| Parentesco relações de proximidade | Festa de família | 2,1 | 10,1 |
| | Reunião de família | 1,9 | |
| | Sempre se conheceram | 6,0 | |
| Noutra situação ou local | | | 7,2 |
| Total (n = 1776) | | | 100,0 |

O bairro, a aldeia ou o baile dominam então o que designamos de *sociabilidades locais*, onde também se incluem as associações recreativas, desportivas ou culturais (2,6%). Sob a influência deste tipo de contexto, já se vê que a escolha do cônjuge resulta mais provavelmente num casamento endogâmico, no interior do grupo de pertença. Por sua vez, o facto de um oitavo das inquiridas (12,0%) ter conhecido o seu cônjuge no local de trabalho não surpreende, atendendo à homogamia social globalmente observada e à tendência deste local para aproximar no quotidiano indivíduos inseridos em categorias socioprofissionais idênticas ou vizinhas. Um décimo dos encontros (10,8%) teve lugar em locais públicos: na cidade, num café, num hospital, num centro comercial, num transporte público, etc. Cenários onde se atenuam as possibilidades de uma influência directa de terceiros ou outro tipo de condicionalismos, os locais públicos são os únicos contextos aqui identificados onde poderia supor-se um encontro totalmente deixado ao acaso. Sem ser preciso referir que, como em qualquer outra situação, a escolha do cônjuge não se decide no acto do encontro - cujo local serve aqui de indicador de contexto de um complexo processo – só a reduzida proporção de encontros em locais públicos bastaria para revelar que os cônjuges raramente se conhecem em quadros de interacção, à partida, socialmente indiferenciados.

Circunstâncias como as festas entre amigos e os encontros em casa de amigos definem-se pelo seu carácter privado. Conhecer o parceiro neste tipo de circunstâncias é possível em virtude das *redes amicais*, que proporcionaram um sétimo (14,5%) da totalidade dos encontros. Por sua vez, cenários como o local de férias, o bar, a discoteca, uma ida ao cinema, ao teatro ou a um concerto definem-se pelo seu carácter lúdico ou cultural. São aquilo que designamos de *contextos de lazer*, tendo sido neste tipo de locais que menos de um décimo (6,9%) das inquiridas conheceu o seu actual companheiro. Enfim, da influência directa de terceiros na escolha do cônjuge,

nomeadamente de familiares, dificilmente terá podido furtar-se uma em cada dez inquiridas (10,1%), que conheceu o cônjuge no contexto do *parentesco e de relações de proximidade*, onde se englobam tanto as festas e as reuniões de família como os namoros de infância, que as situações em que os cônjuges se conhecem desde sempre sugerem. Menos acentuada, a proporção de encontros na escola ou na faculdade (8,0%), curiosamente idêntica à observada por Bozon e Héran (1987), não deixa de causar alguma estranheza face ao movimento global de escolarização e ao prolongamento dos estudos que caracterizam as décadas mais recentes (Machado, Costa, 1998). Parte da homogamia escolar ficará a dever-se ao facto de os encontros na escola ou na faculdade – contextos que tendem a colocar quotidianamente em presença indivíduos com títulos escolares semelhantes - reforçarem a espontaneidade de que se revestem as relações e os namoros que aí se propiciam.

Tal como demonstraram Girard (1981/1964) e, posteriormente, Bozon e Héran (1987, 1988), os locais de encontro, enquanto contextos de interacção, constituem mediações entre estrutura e prática social. Por um lado, a afinidade que está na origem da homogamia social é produto de um juízo que, “surgindo continuamente dos encontros e das interacções da existência ordinária” (Bourdieu, 1979: 549), deve a sua eficácia ao facto de ser “espontâneo”. Por outro lado, se a própria interacção tende a ser socialmente diferenciada, compreende-se que os locais de encontro coloquem com mais frequência em presença indivíduos com perfis sociais semelhantes, contribuindo assim para a espontaneidade com que são assumidos os primeiros momentos de uma relação mais íntima. Uma análise mais detalhada começa por revelar-nos que os estabelecimentos de ensino constituem um local onde aqueles que prolongaram os estudos, exercendo já uma profissão qualificada (EE) ou muito qualificada (ED/PIC, PTEI) no início da vida conjugal, conheceram o seu cônjuge (quadro 3).⁹ Parece óbvio que estes cenários, onde os indivíduos tendem a ser segregados de acordo com o seu nível de escolaridade, propiciem encontros caracterizados por afinidades educacionais. O facto de a homogamia se destacar sobretudo entre profissões mais qualificadas encontra explicação no tipo de encontro que os estabelecimentos de ensino proporcionam. No entanto, não são apenas estes os locais que estão na origem do encontro entre os parceiros mais qualificados.

Os designados contextos de lazer (férias, bares, discotecas, cinema, teatro, concertos) ou as redes amicais são locais e circunstâncias de encontro privilegiados pelas mulheres do grupo mais qualificado (ED/PIC), um comportamento, de resto, igualmente observado entre as mulheres com profissões técnicas e de enquadramento, o que sugere bem a importância deste tipo de cenários para explicar quer as tendências homogâmicas de cada um destes grupos, quer a tendência hipergâmica das profissionais técnicas para casar com homens que exercem profissões mais qualificadas ou apenas mais favorecidas (ED/PIC). Também associados às empregadas executantes, os estabelecimentos de ensino e as redes amicais enquadram o encontro que, entre estas mulheres, tende tanto a resultar em uniões com empregados como em uniões hipergâmicas com profissionais técnicos de enquadramento. De resto, note-se, não sem alguma surpresa, que as redes amicais proporcionam também os encontros às mulheres do grupo dos independentes e pequenos patrões. Em suma, estes três tipos de locais não só terão estado na origem da homogamia socioprofissional entre os indivíduos inseridos nas diversas posições qualificadas, como ajudam a esclarecer os quadros de interacção onde têm início processos de escolha que desembocam em casamentos hipergâmicos.

⁹ Também Almeida, Sobral e Ferrão (1997) constataram a importância da escola (liceu ou universidade) não apenas como local de encontro, mas como factor “estruturante” do próprio campo de recrutamento do cônjuge entre os segmentos mais qualificados de um universo de sócios de empresas na periferia de Lisboa.

Quadro n.º 3
Local de encontro segundo posição socioprofissional de Ego no início da vida conjugal
(percentagem em linha)

| | Liceu ou faculdade | Contextos de lazer | Redes amicais | Local de trabalho | Local público | Sociabilidades locais | Parentesco | Outras situações | Total |
|------------------|--------------------|--------------------|---------------|-------------------|---------------|-----------------------|-------------|------------------|-------|
| ED/PIC | 23,2 | 12,8 | 19,2 | 11,2 | 6,4 | 14,4 | 4,0 | 8,8 | 100,0 |
| PTEI | 17,6 | 11,8 | 29,4 | 13,7 | 9,8 | 5,9 | 9,8 | 2,0 | 100,0 |
| IPP | 1,9 | 7,7 | 17,3 | 11,5 | 11,5 | 34,6 | 9,6 | 5,8 | 100,0 |
| C | 0,0 | 1,2 | 6,0 | 4,8 | 10,8 | 51,8 | 10,8 | 14,5 | 100,0 |
| EE | 13,9 | 6,5 | 19,2 | 18,0 | 9,0 | 22,3 | 5,9 | 5,3 | 100,0 |
| ENQ | 3,1 | 7,7 | 12,3 | 24,6 | 10,8 | 25,4 | 10,8 | 5,4 | 100,0 |
| OIQ | 3,3 | 2,5 | 12,5 | 14,2 | 17,5 | 35,8 | 8,3 | 5,8 | 100,0 |
| OINQ | 2,5 | 6,6 | 9,5 | 9,1 | 17,7 | 32,9 | 12,3 | 9,5 | 100,0 |
| OA | 3,7 | 1,2 | 8,5 | 13,4 | 2,4 | 35,4 | 25,6 | 9,8 | 100,0 |
| Domésticas | 5,0 | 7,9 | 14,4 | 6,5 | 9,4 | 37,2 | 11,1 | 8,5 | 100,0 |
| Outras situações | 10,6 | 8,0 | 14,2 | 8,8 | 10,2 | 33,6 | 10,2 | 4,4 | 100,0 |
| Total (n = 1776) | 8,0 | 6,9 | 14,5 | 12,0 | 10,8 | 30,5 | 10,1 | 7,2 | 100,0 |

$\chi^2 = 302,99$; $DF=70$; $p < ,000$ ($cf=,41$)

Cumpre acrescentar o papel do local de trabalho nas diversas tendências, homogâmicas e hipergâmicas, observadas. Pela sua natureza, o local de trabalho constitui um contexto de interacção quotidiana entre indivíduos com profissões próximas, quando não idênticas. Simultaneamente associados às profissões técnicas e às empregadas executantes, os encontros no local de trabalho contribuem para explicar a inclinações das últimas para casar com os primeiros. De igual modo, privilegiado pelas empregadas não qualificadas, o local de trabalho apresenta-se como oportunidade para interacções quotidianas entre estas e operários industriais não qualificados, já que, como tantas outras, estas actividades profissionais exercem-se frequentemente em espaços próximos ou mesmo partilhando o local de trabalho.

Eventualmente por razão idêntica observámos a inclinação das operárias industriais não qualificadas para casar com operários qualificados, não obstante o local público e as sociabilidades locais - o bairro, a aldeia, o baile ou a associação – serem contextos privilegiados pelo operariado da indústria. As sociabilidades locais são também circunstâncias que promovem o encontro junto das mulheres domésticas, das que exercem actividades agrícolas e das que pertencem ao grupo de independentes e pequenos patrões, onde se incluem predominantemente as situações não assalariadas pouco qualificadas. Ou seja, o encontro no âmbito das sociabilidades locais é uma especificidade dos meios sociais menos favorecidos ligados ao campo e à indústria, onde a fuga incursão pelo universo da escola e a precoce entrada no mundo do trabalho implicam que as circunstâncias de encontro se circunscrevam ao círculo da comunidade de origem, que por sua vez “assegura”, como observaram A. N. de Almeida, J. Sobral e J. Ferrão, “uma escolha acertada, isto é, realizada dentro das suas teias e – portanto – recaindo sobre um semelhante” (1997: 892).¹⁰ De resto, são apenas as mulheres do segmento menos qualificado da indústria e as operárias agrícolas

¹⁰ Apesar disto, para os jovens dos meios rurais, não são raras as vezes em que a entrada no mundo do trabalho implica a migração pendular para os centros urbanos com vista a inserção no sector industrial, podendo assim o próprio local de trabalho, fisicamente distante do local de residência, funcionar como cenário alternativo para o encontro amoroso, porque simbolicamente distante do controlo local dos comportamentos (Almeida, 1999/1986: 262).

as que tendem a conhecer o cônjuge desde a infância ou em circunstâncias que envolvem claramente a presença da rede de parentesco.

Conclusão

O facto de a proximidade socioprofissional ser decisiva na escolha do cônjuge revela o papel crucial que o casamento desempenha na diferenciação social. Mas os dados relativos à escolha do cônjuge permitem entrever que esta não deixa de ser condicionada, por um lado, pelas diferenças de género que subjazem às inclinações femininas para casamentos desiguais a favor do homem, por outro, pelo modo diferenciado como mulheres e homens se posicionam na estrutura socioprofissional. O levantamento dos locais de encontro permitiu demonstrar o contributo dos quadros de interacção para que a escolha do cônjuge tenha resultado nestas tendências. Se é sabido que a proximidade dos *habitus* - de que a semelhança educacional é indicadora - assegura a homogamia socioprofissional, o processo de escolha do cônjuge também não deixa de ter início em quadros de interacção socialmente diferenciados.

Com efeito, para a forte homogamia socioprofissional junto das mulheres com profissões mais qualificadas terá contribuído o facto de a escola, a faculdade, os contextos de lazer ou as redes amiais funcionarem como locais e circunstâncias que favorecem o encontro entre os mais dotados de recursos educacionais. São, de resto, circunstâncias que se opõem às sociabilidades locais, que remetem para a noção de enraizamento local e comunitário, onde as camponesas - grupo também notavelmente homogâmico - bem como as operárias, agrícolas ou industriais, tendem a conhecer o parceiro. O principal contraste que se observa na diversidade de locais de encontro reside precisamente entre, por um lado, as sociabilidades locais, onde é suposto um processo de escolha do cônjuge de pendor endogâmico, isto é, sob o olhar atento de um grupo de pertença, e, por outro, cenários como os estabelecimentos de ensino, os contextos de lazer ou as redes de amigos, que fazem supor uma escolha menos vigiada pela comunidade ou a família de origem.

Este contraste não impede, no entanto, que as mulheres do operariado elejam também os locais públicos, à partida, menos vigiados pela comunidade de pertença, para conhecer um parceiro. Já o facto de os encontros por ocasião de um acontecimento em família e os namoros “desde sempre” estarem associados à franja menos qualificada dos operariados industriais e às operárias agrícolas remete novamente para o teor endogâmico que a escolha do cônjuge e, assim, a própria homogamia socioprofissional tende a assumir nos menos privilegiados ligados ao campo e à indústria. Ao contrário dos restantes locais de encontro, o local de trabalho surge associado à diversidade de posicionamentos socioprofissionais, potenciando diversas situações de homogamia socioprofissional. Sendo o local de trabalho palco privilegiado quer pelas mulheres do terciário, quer por grupos tão distintos como as profissionais técnicas, as operárias agrícolas ou as operárias industriais não qualificadas, este contexto contribuirá para explicar a homogamia socioprofissional de diversos posicionamentos.

Todavia, os locais de encontro não auxiliam apenas a compreender melhor os constrangimentos que actuam na escolha do cônjuge no sentido da homogamia socioprofissional. Por um lado, permitem vislumbrar os contextos de interacção que caracterizam as situações em que o casamento reflecte o modo diferenciado como mulheres e homens se posicionam na estrutura socioprofissional. O facto de os encontros no âmbito das sociabilidades locais estarem simultaneamente associados às profissões agrícolas e industriais e às mulheres domésticas revela ser na presença da comunidade de origem que se exerce a escolha das domésticas, que, recaindo tendencialmente sobre operários agrícolas ou operários não qualificados da indústria, assegura ao mesmo tempo a reprodução da sua origem social desfavorecida e uma clara assimetria na divisão sexual do trabalho. Já a partilha ou a proximidade do local de trabalho pode estar na origem de encontros entre empregadas não qualificadas e operários não qualificados, reforçando uma tendência onde se entrevê uma articulação estreita entre divisão sexual do trabalho e posicionamento socioprofissional. Por outro lado, determinados locais de encontro parecem vir ao

encontro da inclinação feminina por uma relativa superioridade social masculina. Locais como os estabelecimentos de ensino, os contextos de lazer ou eventos no âmbito da rede de amigos são circunstâncias que, uma vez associadas às inquiridas que prolongaram mais os estudos, propiciam casamentos hipergâmicos entre mulheres com profissões qualificadas e homens com profissões mais qualificadas ou favorecidas. O mesmo se aplica ao local de trabalho. Associado às profissões técnicas e às empregadas executantes, o local de trabalho parece ter contribuído para a tendência das últimas para casar com os primeiros, da mesma forma que as sociabilidades locais terão proporcionado os casamentos entre as operárias pouco qualificadas e operários qualificados.

Bibliografia

- ALMEIDA, A. N., GUERREIRO, M. D., LOBO, C., TORRES, A., WALL, K. (1998), “Relações familiares: mudança e diversidade”, in J. M. L. Viegas e A. F. Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta.
- ALMEIDA, A. N., J. M. SOBRAL, J. FERRÃO (1997), “Destinos cruzados: estruturas e processos de homogenia”, *Análise Social*, XXXII (143-144), pp. 875-898.
- ALMEIDA, A. N. (1985), “Trabalho feminino e estratégias familiares”, *Análise Social*, XXII, n.º 85, pp. 7-44.
- ALMEIDA, J. F. (1999/1986), *Classes Sociais nos Campos*, Oeiras, Celta.
- BOURDIEU, P. (1987), *Choses Dites*, Paris, Minuit.
- BOURDIEU, P. (1979), *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.
- BOZON, M., HERAN, F. (1988), “La découverte du conjoint, II”, *Population*, n.º 1, pp. 121-150.
- BOZON, M., HERAN, F. (1987), “La découverte du conjoint, I”, *Population*, n.º 6, pp. 943-986.
- COSTA, A. F., MAURITTI, R., MARTINS, S. C., MACHADO, F. L., ALMEIDA, J. F. (2000), “Classe sociais na Europa”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 34, pp. 9-46.
- GIRARD, A. (1981/1964), *Le Choix du Conjoint*, Paris, PUF.
- LOURENÇO, N. (1991), *Família Rural e Indústria*, Lisboa, Fragmentos.
- MACHADO, F. L., A. F. COSTA (1998) “Processos de uma modernidade inacabada”, in J. M. L. Viegas e A. F. Costa, *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras Celta.
- PESTANA, M. H., GAGEIRO, J. N. (2003), *Análise de Dados*, Lisboa, Edições Sílabo.
- SINGLY, F. de (1987), “Théorie critique de l’homogamie”, *L’Année Sociologique*, n.º 37, pp. 181-205.
- WRIGHT, E. O. (1997), *Class Counts*, Cambridge, Cambridge University Press.